



EDDIE VAN HALEN

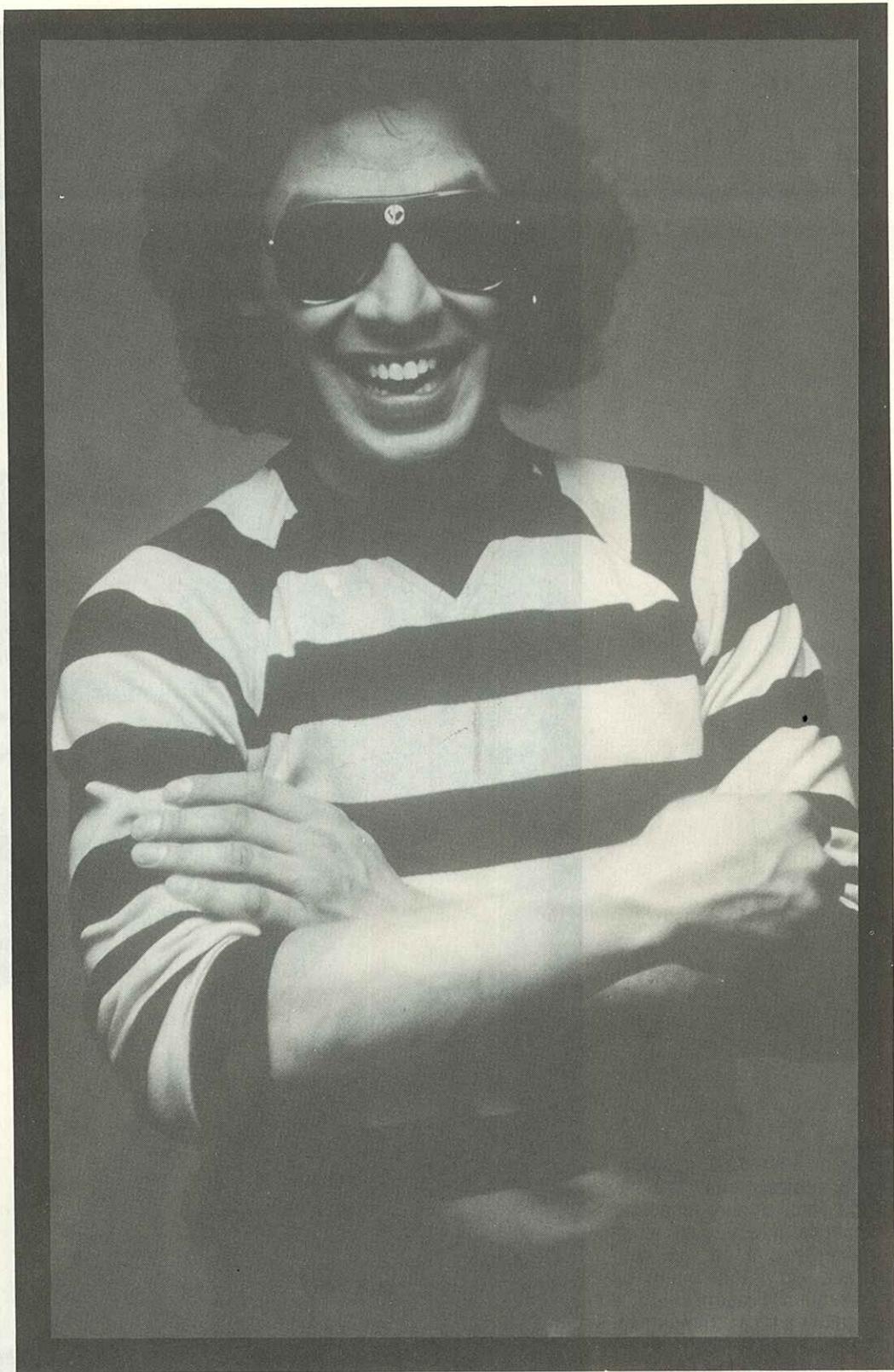
Nasceu em Nijmegen, Holanda, em 26 de janeiro de 1957. Teve aulas de piano e violino até os 16 anos de idade, deixando esses dois instrumentos de lado quando ouviu Eric Clapton. Eddie é um fã incondicional de Eric, e sabe de cor todos os solos da época em que tocava no Cream.

Outro guitarrista que Ed aprecia muito é Allan Holdsworth, a quem andou ajudando muito recentemente.

Casado com Valerie Bertinelli, que podia ser vista na série "Dinastia", Eddie revela-se uma pessoa calma e pouco faladora. Sua maior paixão, a guitarra, fala por ele. E como!

Edward gosta muito de tocar com outros músicos. Já

participou do primeiro disco da cantora Nicolette Larson ("Nicolette"), do "Thriller" de M.J. (e não cobrou nada por isso!!!) e do "Star Fleet Project" de Brian May, cuja faixa-título é uma das melhores coisas já feitas nos últimos anos em matéria de duelo de guitarras.



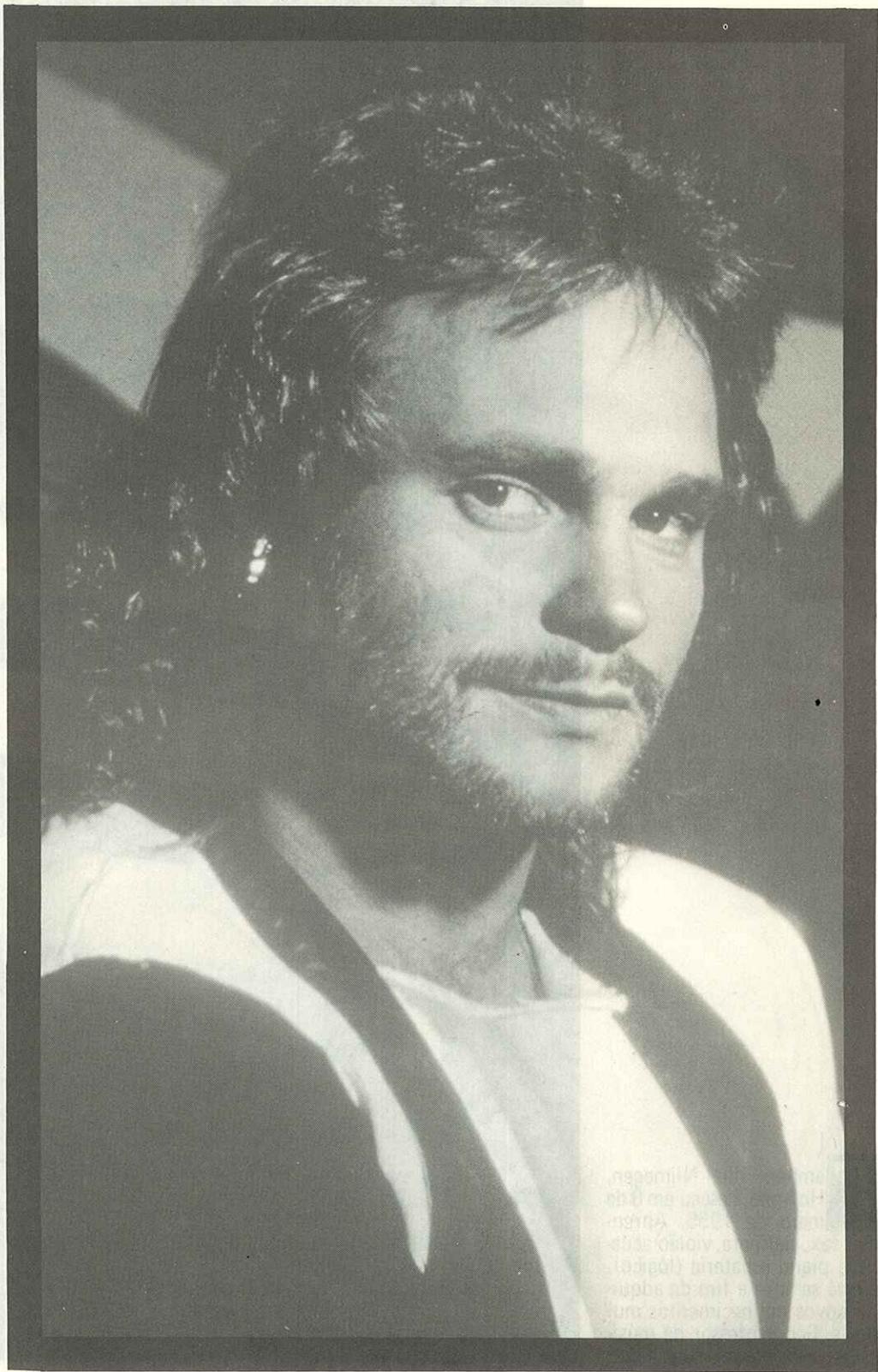
Também de Nijmegen, Holanda, nasceu em 8 de maio de 1955. Aprendeu sax, clarineta, violão acústico, piano e bateria (lógico), e está sempre a fim de adquirir novos conhecimentos musicais. Seu professor de música o considerava um aluno bastante aplicado.

Segundo as fãs, é o mais bonito dos quatro. Alto, falador, é um prato cheio para os entrevistadores. Diplomático, evita falar besteiras pela imprensa, ao contrário de Roth, que não tem papas na língua nem quando está sóbrio. Seguindo o exemplo do irmão evita falar muito sobre sua vi-

da pessoal e influências musicais. Fazer a biografia de um cara assim é uma desgraça.

Calmo e metódico, é ele quem segura a banda tanto no palco, com sua marcação precisa e segura, quanto nos problemas internos, onde sua palavra pode pôr um fim em qualquer discussão.

ALEX VAN HALEN



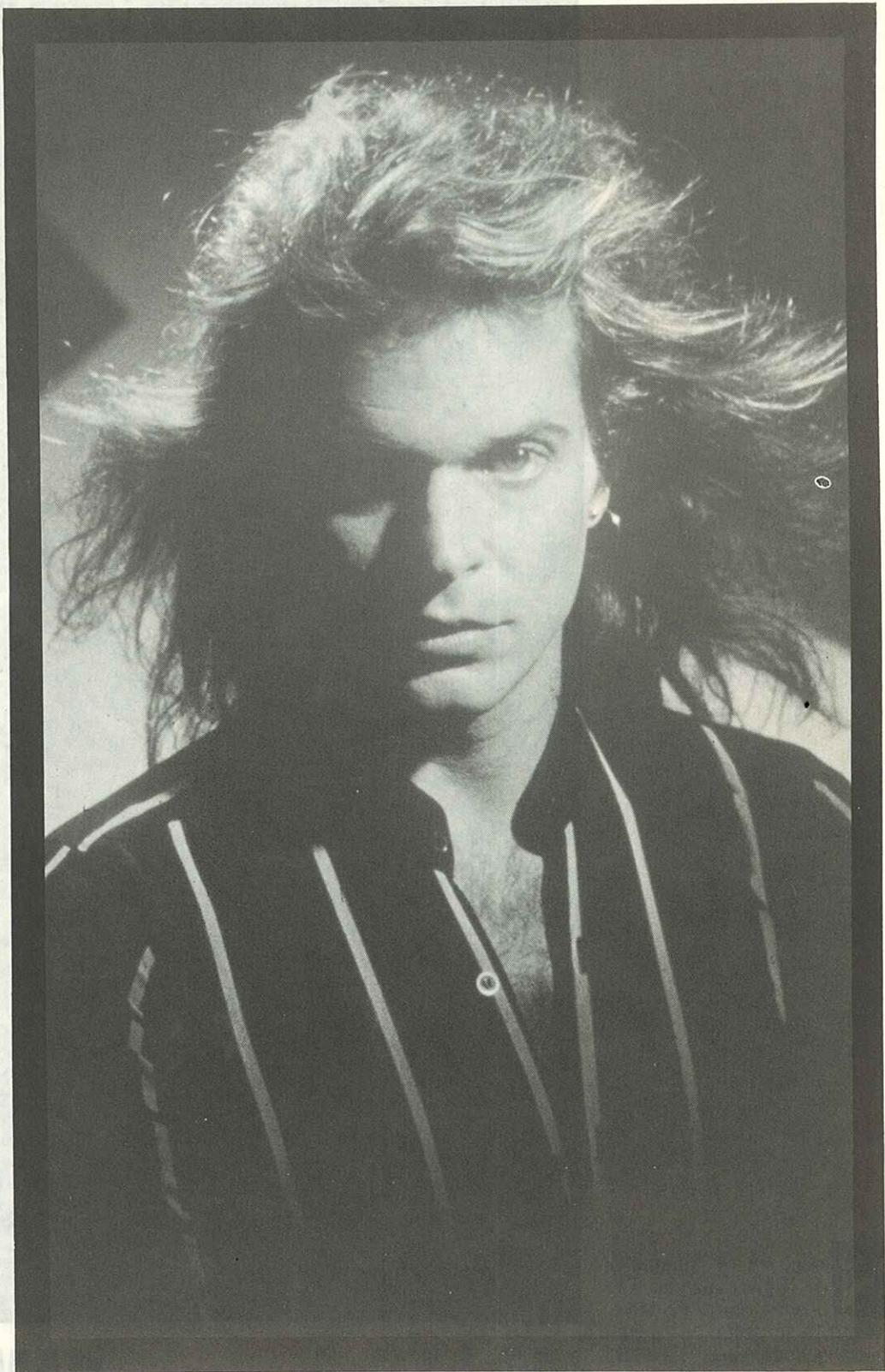
Ao VH mais apagado, musicalmente falando. Tem, porém, uma cara simpática e amigável, e ele realmente o é na vida real. Nasceu em 20 de julho de 1955 em Chicago, Illinois, e aprendeu a tocar trompete influenciado pelas **big bands** de jazz que existiam na época.

Aprendeu contrabaixo quase por acaso, quando foi convidado a integrar o Snake. Jogaram o instrumento na mão dele e ele foi tocando. "Você só sabe tocar com duas cordas", disseram. "Bem, mas pelo menos é melhor do que o que tínhamos antes, que tocava numa corda só."

Os maiores prazeres de Mi-

ke são a comida e a garrafa, como podemos notar pelo seu físico e pelo formato do contrabaixo que usou no vídeo de "Panama" (tinha a forma de uma garrafa de Jack Daniels, sua bebida predileta). Ao vivo, divide os teclados com Eddie durante "I'll wait".

MICHAEL ANTHONY



Fosse daí fala e dá o que falar. Nasceu em 10 de outubro de 1955 em Bloomington, Indiana, mas veio cedo para a Califórnia, sonhando com o estrelato. Mas antes que isso acontecesse, Dave teve que limpar muita bosta de cavalo num haras.

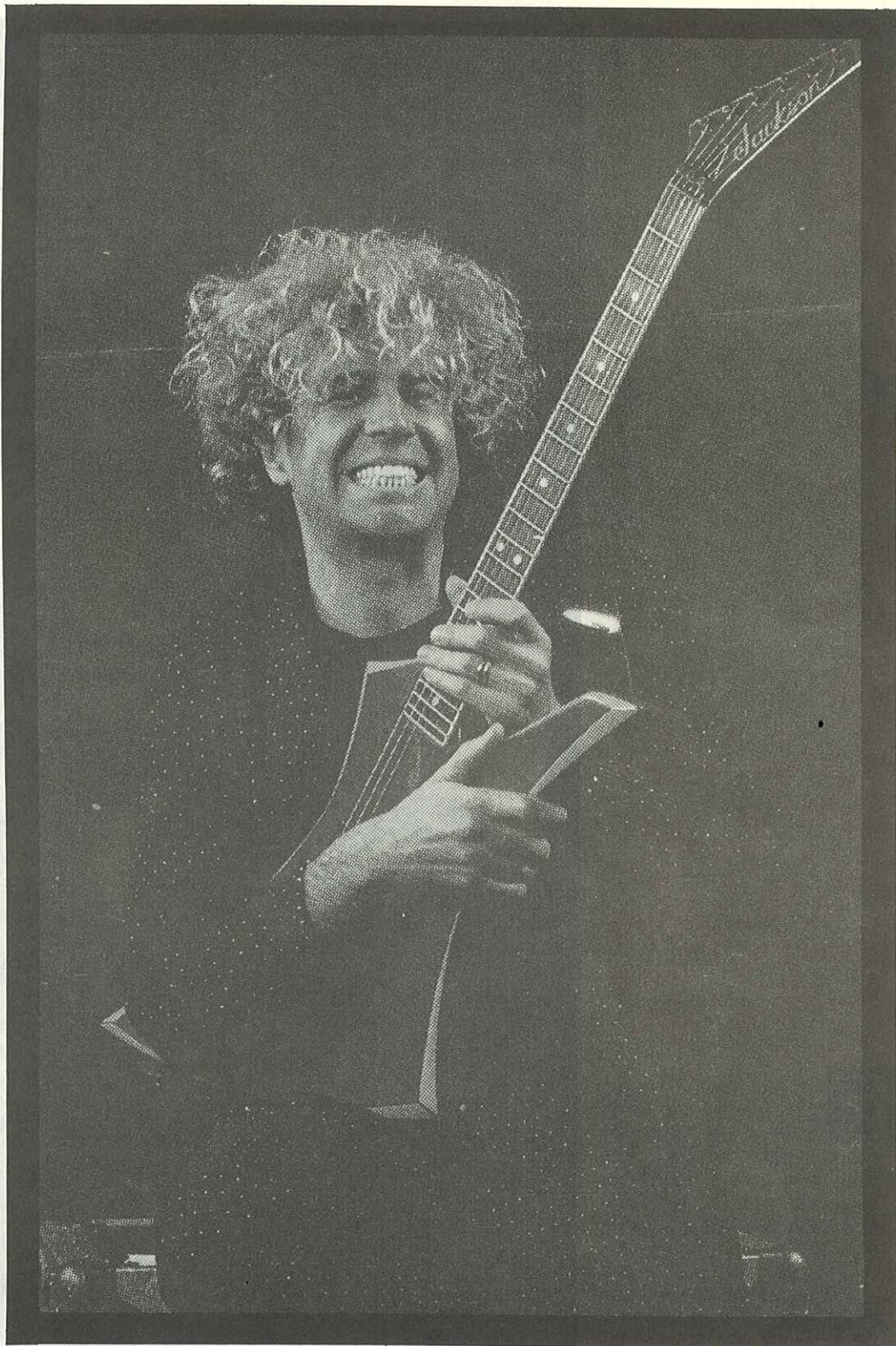
Praticante de karatê desde os 14 anos, uma vez rachou o crânio numa apresentação do VH na tevê italiana. É que o teto era muito baixo, e Dave foi de cabeça num spot.

Quando veio ao Rio, encomendou 12 prostitutas profissionais para uma noitada em seu quarto. Comentário de uma delas na manhã seguinte: "O loirão ali é gente fina. Falou ao telefone o tempo todo, dormiu bêbado e nem tirou a roupa!"

Roth fez um seguro de um

milhão de dólares sobre os seus espermatozoides. Isso quer dizer o seguinte: se alguém provar que está grávida dele, recebe a grana todinha. Ninguém até hoje compareceu para reclamar o dinheiro, daí o fato dos maledicentes estarem sempre dizendo que Dave é bicha e virgem.

DAVID LEE ROTH

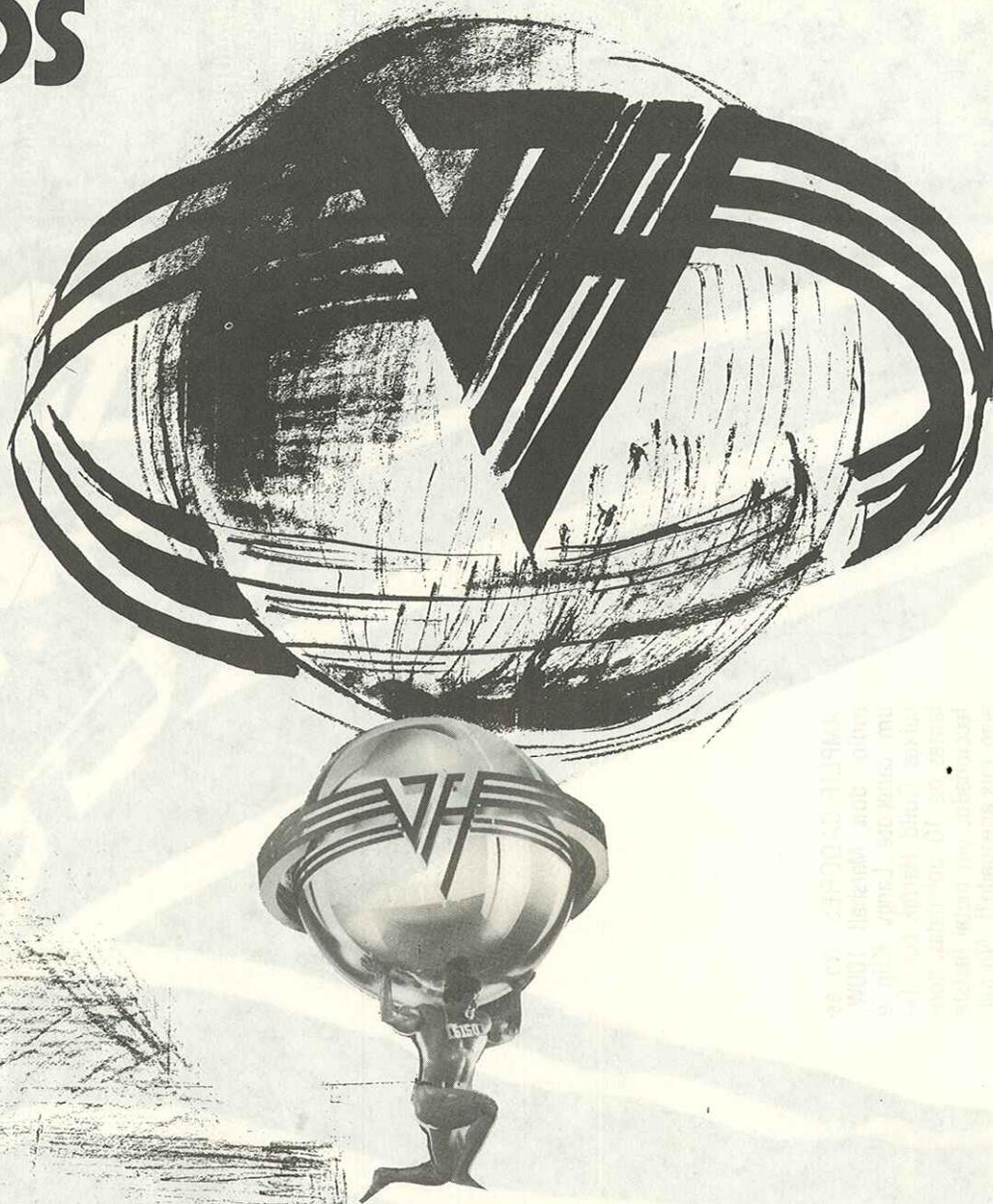


Nasceu em 13 de outubro de 1947 em Salinas, Califórnia (perto de Monterey), e só pegou numa guitarra quando tinha 18 anos. Tocou com Ronnie Montrose até 75, quando partiu para uma carreira solo cheia de altos e baixos. Estourou com seu primeiro LP solo, "Nine On A Ten Scale", e o ao vivo "All Night Long". Contribuiu com músicas para os filmes "Heavy Metal", "The Rose" e "Footloose", e também tocou com Neal Schon.

Sammy é também um grande falador e criador de casos. Até a algum tempo atrás, ele manteve um bate-boca via imprensa com Ronnie Montrose, e depois passou a atacar Dave Lee Roth. Resta ver se esse comportamento altamente crítico (e criticável) não fará com que o ponham para fora do Van Halen.

SAMMY HAGAR

DISCOS



DISCOS SOLOS OU PARTICIPAÇÕES

EDDIE VAN HALEN

NICOLETTE LARSON
(NICOLETTE)

MICHAEL JACKSON
(THRILLER)

BRIAN MAY AND FRIENDS
(STARFLEET PROJECT)

SAMMY HAGAR

Com Montrose: MONTROSE
PAPER MONEY

Com Neal Schon: THROUGH THE FIRE

Solo: NINE ON A TEN SCALE
SAMMY HAGAR
MUSICAL CHAIRS

ALL NIGHT LONG

STREET MACHINE

DANGER ZONE

STANDING HAMPTON

THREE LOCK BOX

LIVE FROM LONDON TO LONG BEACH

VOA

VAN HALEN

VAN HALEN (78)

VAN HALEN II (79)

WOMEN AND CHILDREN FIRST (80)

FAIR WARNING (81)

DIVER DOWN (82)

1984 (83)

5150 (86)



TREMULO — Floyd Rose.

CAPTADORES — Gibsons PAF, parafinados (vide box), posicionados perto do cavalete e aparafusados diretamente na madeira do corpo, para captarem melhor as vibrações acústicas do instrumento e aumentarem o sustain.

BRAÇO — Largo como o de um violão clássico, com a escala praticamente plana e mais longa, isto é, com maior curvatura e maior distância entre as cordas. O shape é mais fino, pois as mãos de Eddie não são muito grandes.

TECLADOS — OBXA Oberheim, Emulator II, Mini Moog (isso ainda existe?), TS Engineering Trigger e um piano Steinway. Ao vivo, um Kurtzweil.

EFEITOS — Uma Ecoplex, um MXR Phaser 90, um MXR Flanger, um Lexicon PCM 42.1, um Roland DC-30, um Chorus e um Micro-Amp ADA, tudo isso preso numa tábua, com fita crepe.

AMPLIFICADORES: No estúdio: dois Marshall 100W, um cabeçote Langy Klip e caixas Guild Hartig com falantes de 10 polegadas, controlados em metal (existe algo mais adequado?). No palco: 12 a 15 Marshalls ligados de 4 em 4 e controlados por um footswitch.

TÉCNICAS

GUITARRAS — Eddie possui mais de 50 guitarras em sua coleção, mas é claro que ele não usa todas. Muitas delas são apenas meras peças de coleção. As guitarras que ele usa atualmente são as de marca Kramer, das quais ele pode ter a quantidade e o modelo que quiser, pois é patrocinado pela fábrica. Ele também tem uma Fender Strat, um violão acústico Kramer/Ferrington e duas Steinberger.

CORDAS — Fender 150XL exclusivamente. Ele sempre as ferve em água durante 20 minutos antes dos shows, e depois as coloca para secar. Isso é para que elas fiquem mais esticadas e não rompam quando são forçadas com a alavanca, e também para que não produzam aquele "crrriiii!" quando se passa a unha ou a palheta ao longo delas. Por outro lado, essa fervura diminui o tempo de vida das cordas, pois retira a camada de níquel que as envolve, fazendo com que enferrujem mais rapidamente. Para Eddie isso não é problema, pois ele troca as cordas após cada apresentação.



VAN HALEN AO VIVO (AQUI)

Era difícil de acreditar, mas era verdade. Nos dias 26 e 27 de janeiro de 1983, o Van Halen iria tocar aqui no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, Brasil. Tão logo os ingressos começaram a ser vendidos, lá estava eu na fila, pronto a desembolsar Cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros antigos, o que, na época, era uma nota). E exatamente no dia 26, lá estava eu acampado na porta do ginásio. Posso passar fome e frio, mas o meu lugar na primeira fila ninguém tasca!

Posso falar sobre a galera que também esperava para entrar no Maracanãzinho. Posso falar do vendedor que tentava empurrar alguns bottoms para um casalzinho ("Você não sabe explorar namorado, minha filha?"). Posso falar de outro casal vestido no mais puro estilo dark, muito antes dessa coisa virar moda. Posso falar dos hippies e punks (!) que apareceram por lá, mas prefiro passar rápido pelos detalhes e ir direto ao show do Van Halen — que, aliás, foi aberto pelo Herva Doce aqui no Rio.

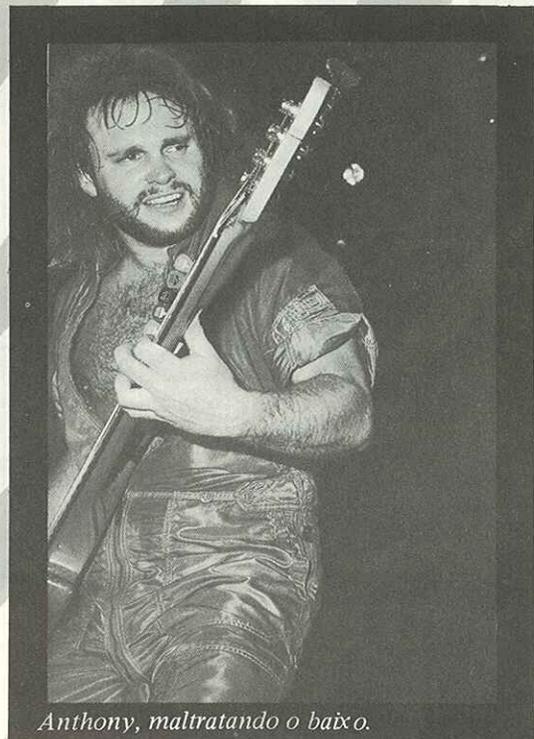
Com todas as luzes apagadas, Dave Lee Roth testava a receptividade da platéia no mais puro estilo **repeat-after-me**, muito conhecido em nossas aulas ginasiais de inglês: o lourão subia e descia escalas musicais, enquanto a galera tentava acompanhá-lo. Acendem-se os spots e, quando o som começou a ser cuspidado pelas caixas, só consegui recobrar os sentidos lá pela terceira música. O som estava alto, muito alto mesmo! E distorcido: para se ouvir alguma coisa direito, era necessário TAPAR os ouvidos.

Mas vamos ao show. Você já viu um show de rock? Pois é a mesmíssima coisa. Sem efeitos estrambólicos de nenhuma espécie, apenas o simples ato de subir ao palco e

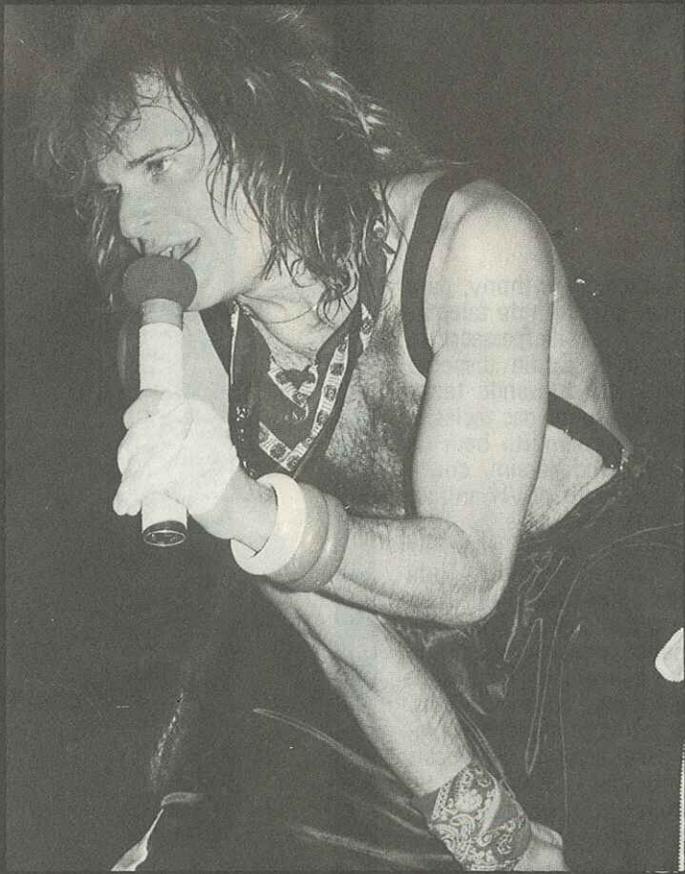
tocar, o Van Halen arrasou em todos os sentidos. Dave foi, sem dúvida, o dono da festa, pulando pelo palco como se fosse uma perereca e contagiando a platéia com sua animação. Dave é um dos showmen mais completos que o rock já criou, disso não há dúvidas. Podem falar mal, pichar, mas é inegável que quando esse cara sobe num palco, nem mesmo o headbanger mais ranheta é capaz de ficar parado. Outro show à parte foi o de Alex, solando feito um alucinado em sua inacreditável bateria de quatro bumbos. Alex, tocando, não impressionou tanto. O bacana foi mesmo o visual, com luzes multicoloridas saindo de dentro das caixas e uma **strobe** num dos bumbos, acompanhando a marcação. Michael ficou brincando de esconde-esconde na escuridão, criando um efeito cênico que é meio difícil de descrever, mas que foi realmente sensacional. O que não foi muito sensacional foi seu solo. Mike fez o diabo de seu baixo: nave espacial, metralhadora e até tapete, mas tocar que é bom, nada. O solo de Eddie foi... ah, deixa pra lá. Precisa comentar?



Michel Anthony e Roth em "Pretty Woman".



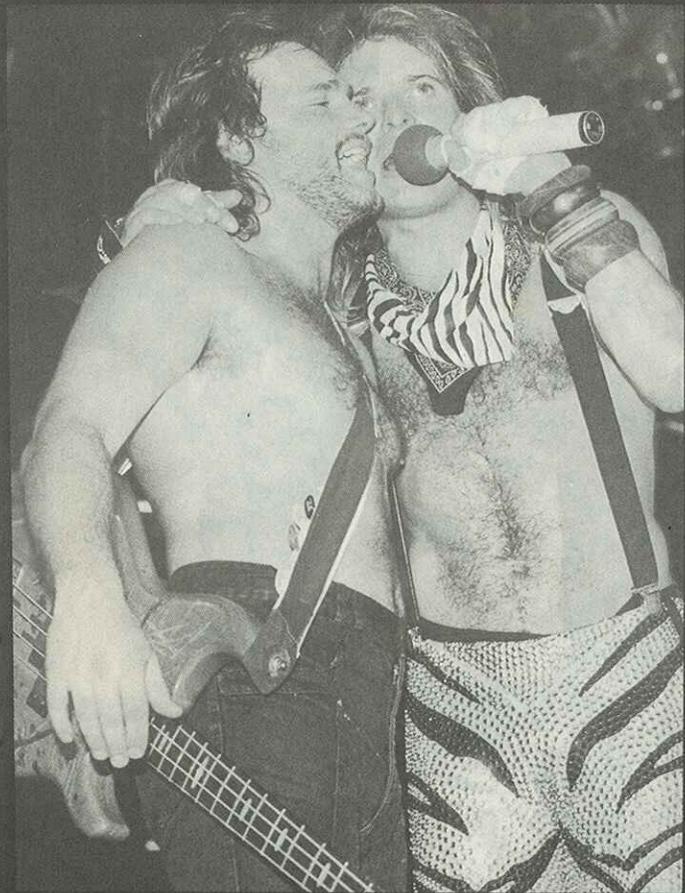
Anthony, maltratando o baixo.



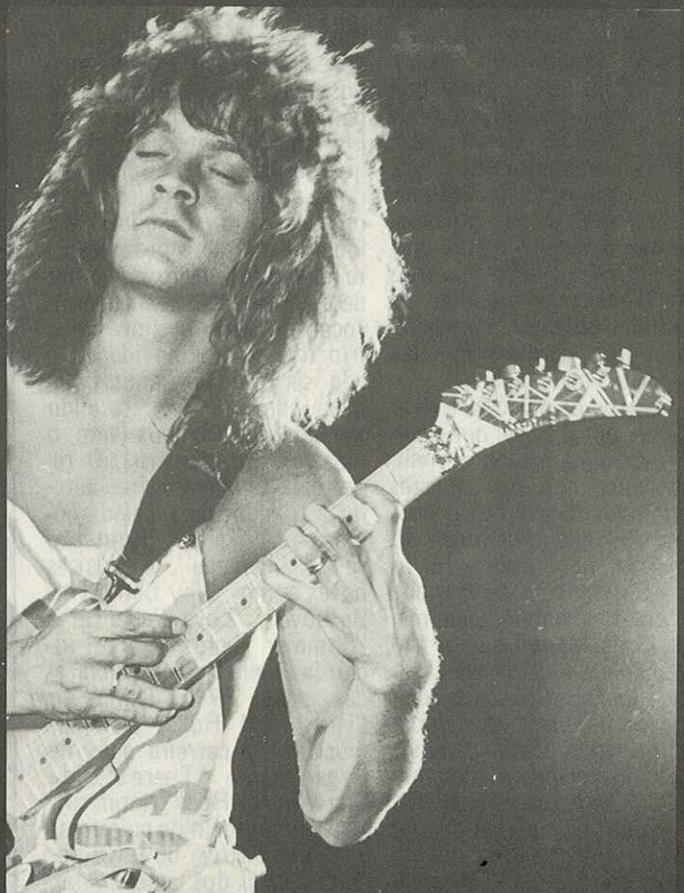
Roth, sempre com a boca no microfone.



Divertimento, este sempre foi o lema do V.H.



Roth e Anthony, com seu tradicional "Jack bass".



VAN HALEN AO VIVO (LÁ FORA)

Memphis, Tennessee. Quando é que eu imaginaria estar aqui? Nunca. E olha eu aqui! Ironia: na terra que deu ao mundo um de seus maiores rock'n'rollers (você sabem de quem estou falando), não há nenhum show de rock decente para se assistir. Bem, tem o do Van Halen no Mid South Coliseum, mas como eu já os tinha visto em 83 no Maracanãzinho, não é nenhuma novidade. Ah, mas este concerto é com o novo vocalista, Sammy Hagar. Nesse caso, até que vale a pena dar uma conferida. Vamos lá, então!

Oito e meia da noite. Aglomerados frente ao portão de acesso do Coliseum estão todos os tipos de malucos que se possa imaginar. Mas o título do novo play do VH não é "5150", ou seja, o código policial para "doente mental à solta"? Então tem lógica. Num canto, um ruidoso grupinho estende uma faixa onde se lê "FUCK DAVE LEE ROTH", enquanto outro grupinho toca guitarras imaginárias ao som de um gravador (piratas à vista!). Perto dali, uma turminha animada traja camisas-de-força repletas de **patches** e **bottoms**. E há garotas, lindas garotas! Ei, isso aqui não é nada mau...

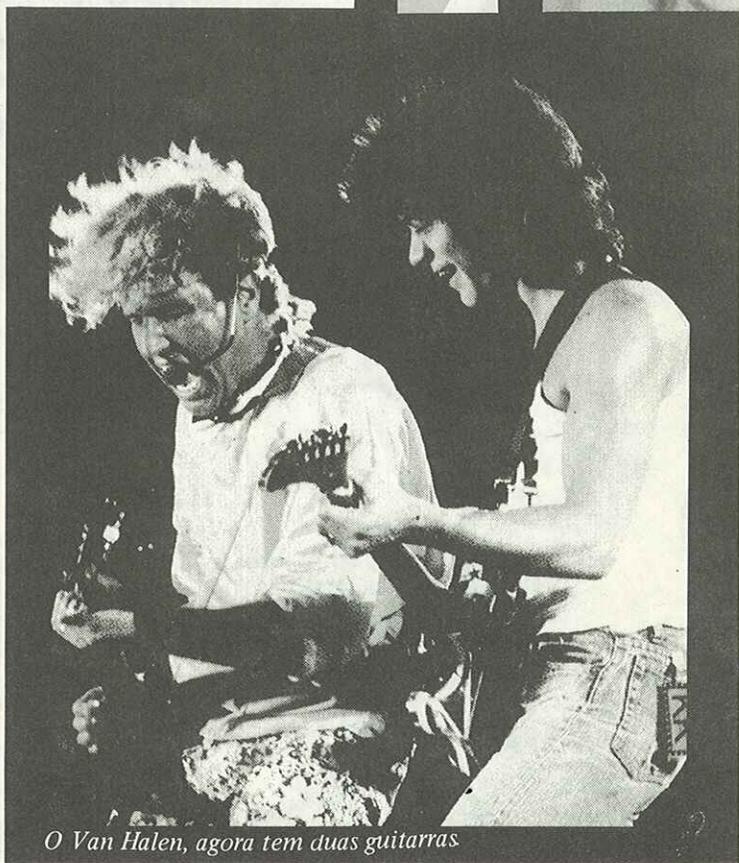
Abertos os portões, a multidão — por incrível que pareça — se dirige calma e civilizadamente aos seus lugares numerados. Enquanto procuro minha cadeira na turma do gargarejo, fico lembrando do Maracanãzinho, onde era cada um por si na batalha pelo melhor lugar. Mas só que lá não teve nenhuma briga, ao passo que aqui no Coliseum uma pequena confusão tem início nas primeiras filas. Animos acalmados graças à intervenção da segurança, instalo-me na poltrona e, enquanto aguardo o show principal começar, sou obrigado a aturar a farofa metálica do Autograph.

Abrem-se as cortinas... acendem-se as luzes... a multidão se agita... o amalucado quarteto pula no palco e tem início um dos melhores concertos de rock existentes na face da terra: LADIES & GENTLEMEN, VAAN HAL-LEEN !!! O som é ainda mais alto que o do show no Brasil (que me deixou de ouvidos zumbindo durante dois longos dias), mas, ao contrário deste, é perfeitamente claro, sem emboações. Logo aos primeiros acordes deu pra perceber que Eddie & Cia. abriram com a clássica **cover** dos Kinks, "You Really Got Me". A partir daí é só pauleira pura, tal como vimos em 83. Só que o concerto no Coliseum é visivelmente inferior em relação ao que eles deram no Brasil. O motivo é óbvio: Dave Lee Roth faz uma falta danada. Sammy Hagar faz o possível para agradar, mas não tem o carisma de Dave. Ele simplesmente não sabe o que fazer no palco, limitando-se a andar de um lado para outro e incitar a audiência à loucura (no que é prontamente atendido), além de imitar descaradamente a entonação vocal de Roth. O show em si não traz muitas novidades, a não ser por pequenos detalhes, como Eddie atacando também nos teclados (vixe, o rapaz é bom demais!). O repertório também sofreu alterações. Além de sucessos como "Ain't Talkin' 'Bout Love" e "Panama", e músicas novas como "Why Can't This Be Love", "Love Walks In" e "Summer Nights", foram incluídas versões vanhalenizadas para "Wild Thing" e "Rock and Roll", além de músicas da carreira solo de Hagar, como "There's Only One Way to Rock" (com um eletrizante duelo de guitarras) e "I Can't Drive 55". No departamento dos solos, Alex Van Halen fez seu feijão-com-arroz correto e cheio de efei-

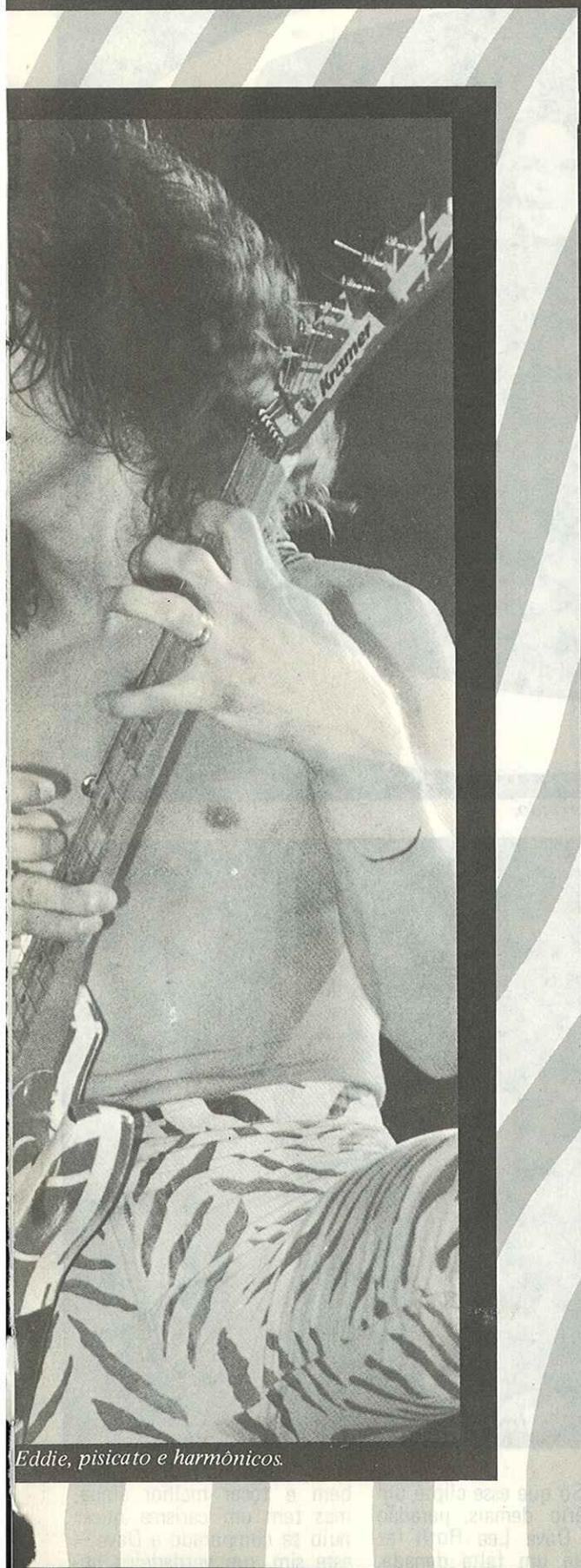
tos, e Michael Anthony, para disfarçar sua falta de talento, repete o ritual de massacre ao instrumento. Eddie dispensa comentários, arrasando tanto nas cordas como nas teclas, e Sammy se sai muito bem na guitarra. Ainda assim, continuo preferindo o VH antigo, com Roth nos vocais.

Falando em Dave, ele disse numa entrevista que "todas as noites, Hagar tem que cantar 'Jump', enquanto eu nunca cantarei nenhuma música dele em meus shows!". Ledo engano. Todas as noites, Hagar convoca alguém da platéia para assumir os vocais em "Jump". Nesta noite, o escolhido foi um rapazinho louro e sardento, que alcançou a tal glória andywarholiana, a de ficar famoso por cinco minutos.

Sergio Martorelli



O Van Halen, agora tem duas guitarras



Eddie, pisicato e harmônicos.



Canta alguma coisa aí pra gente.



... Why can't this be love. ...

VÍDEO

O vídeo sempre foi o melhor comercial para uma música, e não seria o Van Halen, uma banda de grande impacto visual, que ficaria fora dessa.

Existe um filme que mostra um concerto do Van Halen nos primeiros tempos. Trechos dele são, vez por outra, exibidos em programas do tipo "Som Pop" e "Video-clip". Vale a pena dar uma conferida (apesar desses programas estarem ficando cada vez mais chatos e repetitivos). E quem pirateou o show deles no Brasil, que a Bandeirantes exibiu, também se deu bem.

O primeiro clip que eles gravaram foi para a música "Pretty Woman", com uma estorinha boba que incluía travestis, anões tarados, corcundas e Dave bancando Napoleão, Eddie interpretando um cowboy, Alex imitando Tarzan e Mike dando uma de samurai. O tal vídeo não tinha nada de mais, mas mesmo assim foi vetado pela MTV.

Para o álbum "1984" foram feitos três vídeos promocionais: "Hot for Teacher", gozadíssimo, narrando as desventuras de um babaquilha chamado Waldo, que sofre o diabo na mão de seus colegas de classe (quem? Os VH, ora!) — o roteiro sugere uma ida ao futuro, onde podemos ver o que nossos amigos seriam quando crescessem: Alex se tornaria ginecologista; Mike, um campeão de sumô; Eddie estaria internado numa clínica para doentes mentais (e fazendo progressos, digase) e Dave seria uma espécie de Silvio Santos americano; "Panama", intercalando cenas de shows ao vivo e armações backstage totalmente sincronizadas com a música — o resultado é frenético e espetacular; "Jump", simples e direto, mostrando o VH em seu normal, ou seja, totalmente agitados. O pessoal do Yes procurou Eddie para perguntar quem foi que dirigiu esse vídeo. Só que não havia diretor: um membro da banda filmava os outros em super-8. Foi por isso que o clip de "Jump" captou fielmente o espírito do Van Halen.

Atualmente, eles não querem mais fazer vídeos, pelo



O Van Halen em dois tempos: sempre sorrindo.



menos por enquanto. Estão muito empenhados com a turnê, mas deixaram um clip gravado ao vivo no Japão com a música "Why Can't This Be

Love". Só que esse clip é um saco, sério demais, parádo demais. Dave Lee Roth faz realmente um falta danada. Sammy Hagar pode cantar

bem e tocar melhor ainda, mas tem um carisma quase nulo se comparado a Dave — este sim, um verdadeiro homem-baile.

